



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Do mito à razão entre os Gregos Clássicos o problema da religião helênica e a Filosofia

Por: José Provetti Junior<sup>1</sup>

<sup>1</sup> É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro – UENF, é Especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa UEPG, Especialista em Saúde para Professores e Alunos dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é Graduado e Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, campus da cidade de Assis Chateaubriand- PR, professor de Filosofia nos cursos Técnicos Integrados de Informática, Eletromecânica, Agricultura e Agropecuária, professor, pesquisador e Coordenador Geral do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, Editor-Chefe da JPJ Editor e da “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”. É pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC e da Associação Nacional de Pós-graduações em Filosofia – ANPOF. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Imbricações entre Platão e Hipócrates; Platonismo alexandrino; Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR (Filosofia, Antropologia, Semiótica das religiões e sincretismo, Cidadania, política e relações sindicais, Educação, Cognição e Linguagem, História, arte, cultura, saúde, direito, política e suas representações, Idioma internacional neutro – Esperanto, Ensino de Matemática, Física, Química, Biologia e Ciências em geral e Ciências da Informação, Engenharia computacional e Teorias computacionais da mente). Atua nos seguintes Projetos de pesquisa: Biocentrismo; Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR – Assis Chateaubriand; Idioma internacional neutro – Esperanto; História da Filosofia Antiga; História das Ideias e das Mentalidades. Atua nos seguintes Projetos de Extensão: IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”; Filosofia, Ciência e Tecnologia; Grupo de estudos filosóficos IFPR – Assis Chateaubriand; Curso básico de Esperanto e IF-Sophia – Assis Chateaubriand. É membro do Corpo Editorial dos seguintes periódicos: JPJ Editor; Revista Contemporânea de Educação e IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica. Atua como revisor dos seguintes periódicos: Revista Espaço Acadêmico; Acta Scientiarum Ciências Humanas e Sociais; Revista Contemporânea de Educação; IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica e Revista Mundi Sociais e Humanidades. Atua nas áreas de Filosofia Antiga; Filosofia da Mente e Processos Cognitivos; Teoria do Conhecimento; Fundamentos da Educação – Filosofia da Educação; História Psicológica, das Ideias e das Mentalidades e Filosofia pré-socrática. É autor de artigos científicos na mídia nacional e internacional. É autor, co-autor ou Organizador das seguintes obras: “Filosofia no Ensino Médio: pequena apologia do trabalho docente” (2016); “As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre Metafísica e Ciência na Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea” (2016); “IF-Sophia – Umuarama: Filosofia, Educação e autonomia – 2012” (2015); “O dualismo em Platão” (2014); “A alma na



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[joseprovetti@fpr.edu.br](mailto:joseprovetti@fpr.edu.br)

## Resumo

Nesse artigo se objetiva questionar a maneira tradicional de se ensinar a origem a Filosofia e a passagem do mito à razão que são normalmente apresentadas nos cursos de Filosofia no Ensino Médio, indicando os prejuízos educacionais que tal abordagem causa nos estudantes, quanto à aprendizagem e desenvolvimento das habilidades filosóficas. Tanto quanto, apontar as dificuldades de formação que a maioria dos professores de Filosofia graduados no campo tem, devido a uma insuficiente formação em Filosofia Antiga e mais ainda, os professores de outras áreas que lecionam Filosofia. O que acarreta irreparáveis danos nos alunos quanto à aprendizagem de Filosofia e sua vivência cidadã. Para tanto, se ressaltará a inaceitável e comum compreensão de mito, normalmente ensinada nos Colégios e por vezes, até mesmo em algumas instituições de Ensino Superior. Por fim, se indicará aqui a relação entre mito e razão na filosofia pré-socrática, procurando colaborar na formação de colegas do magistério filosófico e talvez modificar a compreensão geral quanto ao problema mito-razão.

**Palavras-chave:** Mito; Razão; Ensino de Filosofia; Teologia Helênica; História Psicológica.

## Resumo

*En ĉi tiu artikolo ni celas diskuti la tradicia maniero instrui la fonto filozofio kaj la pasigo de mito al kialo, ke estas kutime prezentita en filozofio kursoj en mezlernejo, indikante la eduka damaĝoj kiujn tia aliro ĉar la studentoj, la lernado kaj evoluo de filozofiaj kapabloj. Tiel, indikante tra la malfacilaĵoj de trejnado ke plej diplomigintoj de filozofio instruistoj en la kampo estas pro nesufiĉa trejnado en Antikva Filozofio kaj pli, instruistoj de aliaj areoj kiuj instruas filozofio. Kio kaŭzas neriparebla damaĝo al la studentoj pri la lernado filozofio kaj ĝia civitano sperto. Tial, ĝi estas la neakcepteblan kaj komuna kompreno de mito, kutime instruita en Kolegioj kaj foje eĉ en kelkaj altlernejoj. Fine, ĉi tie indiki la rilaton inter mito kaj kialo en antaŭ-Sokrata filozofio, serĉante por kunlabori en eduki kolegoj de filozofia instruado kaj eble modifi la ĝenerala kompreno pri la mitracia problemo.*

*Ŝlosilvortoj:* Mito; Racio; Instruado de Filozofio; Greka Teologio; Historia Psikologio.

---

Héade a origem da subjetividade Ocidental” (2011); “Filosofia Contemporânea, Lógica e Ciência” (2013); “Gravidez e adolescência” (2009) e “Vida, morte e magia no mundo Antigo” (2008).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **Abstract**

*This article aims to question the traditional way of teaching the origin of Philosophy and the passage from myth to reason that are usually presented in Philosophy courses in High School, indicating the educational damages that such an approach causes in students, as to learning and development of philosophical skills. As much as, to point out the training difficulties that most Philosophy teachers graduates in the field have, due to insufficient training in Ancient Philosophy and even more, teachers from other areas who teach Philosophy. This entails irreparable damage to students in the learning of Philosophy and its citizen experience. In order to do so, the unacceptable and common understanding of myth, usually taught in Colleges and sometimes even in some institutions of Higher Education, will be emphasized. Finally, the relation between myth and reason in pre-Socratic philosophy will be indicated here, seeking to collaborate in the formation of colleagues in the philosophical magisterium and perhaps to modify the general understanding of the myth-reason problem.*

**Keywords:** *Myth; Reason; Teaching Philosophy; Hellenic Theology; Psychological History.*

### **Introdução**

A questão a ser trabalhada nesse artigo versa sobre o problema de compreensão das relações teológicas entre o mito e a razão enquanto origem da Filosofia.

A abordagem a ser desenvolvida passa pela História das Ideias, das Mentalidades e Psicológica, aplicadas ao caso da origem da Filosofia, por meio da metodologia comparativista e filosófica antropológica desenvolvida junto a diversos referenciais teóricos, mas mais especificamente a Jean-Pierre Vernant, Jaeger Werner, Érick Haveloc e Karl Raymund Popper.

É hábito entre os professores de Filosofia do Ensino Médio e alguns do Ensino Superior apresentar em o mito como algo relacionado ao atualmente denominado “senso comum”, enquanto oposto ao discurso científico e o mito vinculado à ideias religiosas, no sentido da superstição, do



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobrenatural e quase como que sinônimo de “ignorante”, mediante a formação acadêmica de nossa sociedade do conhecimento.

Por outro lado, normalmente tal classificação apresenta a Filosofia como algo que surge a partir do nada, entre os séculos VII-VI a. C., na Grécia e daí, sem menores considerações, se afirma que a Filosofia significa “amor” ou “amizade” à sabedoria. Sem, contudo, se explicar o que é efetivamente a “sabedoria” a que se dirige o conceito pitagórico de Filosofia. Criando, portanto, um conjunto de hiatos que pouco instrumentalizam os estudantes de Filosofia, de qualquer nível de escolarização, em especial, os iniciantes, quanto ao que é efetivamente, a Filosofia e para que ela serve.

Isso se dá, também se pretende demonstrar nesse artigo, devido a nenhuma ou a péssima formação dos professores de Filosofia quanto às origens do campo, devido a esse estar situação tempo-especialmente em um período historiográfico que é pouco privilegiado nos programas de graduação e pós-graduações brasileiros, a saber, a História Arcaica e Antiga da Grécia, em especial.

Se tentará, portanto, desconstruir a separação entre mito e razão entre os Gregos e a falsa impressão de sua radical oposição, em especial, depois da criação da razão.

Após demonstrar essa inconsistência histórica entre mito-razão, se demonstrará que a razão, embora genial e inovadora no século VI a. C. não era tão popular como é mostrado em livros didáticos e em alguns cursos de Filosofia. Que sua criação e uso não provocou um rompimento cultural na Hélade ou em qualquer outro povo antes do final do século XIX d. C. e mesmo assim na Europa e, em certa medida nos Estados Unidos da América e que qualquer



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

posição extremista quanto ao desprezo popular a respeito do mito e suas efidências culturais é exagero irreal, sobretudo em países como o Brasil, cuja educação pública estatal tem menos de duzentos anos de funcionamento.

## **Considerações iniciais**

### **O problema**

Ao se dedicar ao ensino de Filosofia o professor se depara com várias dificuldades. A principal dela é que no Brasil o ensino de Filosofia só se inicia, de maneira regular, a partir do Ensino Médio.

Até então, os estudantes, em nenhum momento de seu processo de escolarização formal tem contato com algo relativo a Filosofia. O que, em geral, acumula uma desvantagem de exposição dos estudantes a ideias, métodos e conteúdos dos campos de aproximadamente nove anos em relação a outras áreas do saber.

Além disso, em geral, poucas são as instituições de ensino que possibilitam ao professor mais de um tempo de aula semanal, aproximadamente cinquenta minutos, com cada uma das turmas em que a disciplina é ofertada.

Outra dificuldade que se acrescenta é a formação do professor. Apesar de haver em vários cursos de Filosofia no país, tal qual Matemática, Física, Química, Biologia e Sociologia, a Filosofia é pouco procurada por vestibulandos do Ensino Médio. Portanto, o que se verifica, como em todas as áreas acima indicadas, é uma brutal demanda de recursos humanos qualificada naquelas áreas.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No que se refere à Filosofia e Sociologia, tal situação se agrava mais, a partir do momento que em 2008 se alastrou, em todo o Brasil, a ideia que basta ter formação superior que qualquer cidadão, sobretudo com formação em licenciatura, pode dar aulas de Filosofia, partindo-se do pressuposto de que todas as áreas do conhecimento usam a razão como linguagem básica e que por isso, qualquer professor pode ministrar aulas de Filosofia, desde que se disponha a atuar fora de área.

Ora, a despeito do descalabro de tal ideia, algumas instituições e sistemas de ensino se envergonharam de tamanho disparate e restringiram os efeitos daquele argumento a profissionais da área de Ciências Humanas. O que de certa forma foi bom, enquanto medida mercadológica, pois eu melhor aproveitamento a recursos humanos de áreas como de História, Pedagogia, Psicologia, Serviço Social, Direito e Teologia que assim foram incorporados pelos sistemas de ensino brasileiros, na ausência de Filósofos de formação.

Em paralelo a isso, no âmbito das universidades que ofertam a formação de Filosofia no Brasil, pouquíssimas instituições públicas privadas ou estatais fogem ao paradigma da Filosofia Moderna e Contemporânea, enquanto viés próprio de formação brasileira, em se considerando que o Brasil enquanto tal, é uma nação que não teve experiências históricas nem com a Antiguidade, nem com o Medievo e, portanto, apenas o que é Moderno e Contemporânea interessa a essas instituições.

Por conseguinte, a maioria dos profissionais que lecionam naquelas instituições de ensino superior, em seus programas de graduação, licenciatura e de pós-graduações, normalmente tem



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

suas formações, projetos de pesquisa e extensão focados nas áreas de Filosofia Moderna e Contemporânea. Logo, seus alunos, em geral, lhes seguem os passos.

Consequência necessária e absoluta, embora haja a mencionada tendência predominante, registrada dos *Curriculae* dos cursos superiores e de pós-graduação daquelas instituições de ensino superior, incômodamente, e por princípios positivistas de estruturação metodológica curriculares sempre tem por menos tempos de aula que lhes deem, as disciplinas de Introdução a Filosofia e História da Filosofia Antiga e Medieval, normalmente separadas e em dois módulos semestrais ou um anual.

Em geral, tais disciplinas, nas universidades, são dadas aos professores sem vínculo estatutário, no caso de universidades públicas estatais, e, portanto, temporários ou recém ingressos por concurso. Nas instituições privadas, normalmente aos recém contratados ou os que tem menor titulação acadêmica. Raramente se observa um saudável rodízio dos docentes para arejar as possibilidades de ensino e aprendizagem quanto a isso.

Por que esse estado de coisas acontecem? O que está em jogo nesse ciclo vicioso, que acaba por formar professores de Filosofia em especial, e de outras áreas que eventualmente atuarão como docentes de Filosofia, nos Ensinos Médio e Superior brasileiro? E o que isso tem a ver com o título desse artigo?

## **Desenvolvimento**

A situação da formação de professores de Filosofia, das instituições de ensino superior, do subaproveitamento mercadológico de recursos humanos de outras áreas e a pouca valorização do processo de escolarização no Brasil, que é colonial e cultural, assinalam um grave problema que os





IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sistema de ensino públicos estatais e privados perpetuam, na medida em que todos esses profissionais de ensino, ao irem para suas salas de aula, reproduzem o dito paradigma de interesse nacional em assuntos relacionados ao período Moderno e Contemporâneo da História Universal enquanto norteador dos investimentos em formação e pesquisa; quanto fornece ao cidadão em passagem pelo Ensino Médio, exposição a erros conceituais e aulas tapa buracos que pouco contribuem efetivamente para a sua formação cidadã.

Nem tampouco fornecem experiências impressões saudáveis de ensino e aprendizagem de Filosofia, que motivem os jovens e adultos a ingressar em uma universidade para a formação de graduação e licenciatura, bem como se reforça o conhecimento superficial de docentes quanto aos temas, problemas e questões da Filosofia Antiga e Medieval, se perpetuando, portanto, equívocos terríveis, que por vezes afastam possíveis interessados em Filosofia, na medida em que a disciplina lhes é apresentada como algo sem pé nem cabeça, sem técnica e metodologia de ensino e aprendizagem que lhe favoreça o entendimento, acaba-se apresentando aos estudantes uma verdadeira colcha de retalhos em que o mito é a sombra da ignorância ortodoxa e religiosa do senso comum e o discurso científico é a luz da verdade libertadora das consciências e que proporciona a felicidade

Críticas à parte, por que esse problema de formação e mercadológico dos profissionais de filosofia incide sobre a questão da passagem do mito à razão, ou ainda, quanto à criação da Filosofia, tema e problema propostos nesse artigo?

Pelo simples fato de que exceto a professora Marilena Chauí em vários de seus livros didáticos, como por exemplo: “Filosofia e Sociologia” (CHAUÍ & OLIVEIRA, 2007), “Filosofia”



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

(CHAUÍ, 2003), “Iniciação à Filosofia” (CHAUÍ, 2010) e, parcialmente, os autores do livro didático público do Paraná, “Filosofia: Ensino Médio” (MENDES; BORGES; KESTRING *ET ALI*, 2006), a grande maioria dos livros didáticos, vídeo-aulas sobre o tema ou preparatórias para concursos vestibulares e ENEM disponíveis no *youtube* estão completamente equivocados a respeito da origem da Filosofia entre os Helênicos Arcaicos!

Esse “equivoco”, quero eu dar as seguintes motivações, em ordem decrescente de probabilidade, a saber: a) despreparo acadêmico de formação de professores filósofos e, sobretudo, dos não filósofos, conforme indicado acima; b) além de “a”, necessidade profissional, para cumprimento de programas e se manter no emprego; c) acesso a fontes de estudos equivocadas ou superficiais, como por exemplo, programas de concursos vestibulares ou ainda, pior, cópia das últimas provas sem um estudo metódico sobre o planejamento da prova de concurso e o significado de se eleger tal ou qual filósofo como o objeto da questão; d) além de todo o exposto anteriormente, ma fé e preguiça acadêmica, como mínimo.

Por qual motivo se afirma isso?

Pelo simples fato, observável de maneira gratuita por qualquer leitor da língua portuguesa, que de posse de um dispositivo computacional com acesso à *internet*, se utilizando de algum buscador, desenvolve uma pesquisa em obras de filósofos e de autores que tratam de História, Antropologia, Psicologia, Sociologia ou Etnografia da Hêlade Arcaica. Sem contar que existem várias possibilidades de material bibliográfico seguro, isto é, produzido por pesquisadores vinculados a universidades e de acesso gratuito em Português, Espanhol, Inglês, Francês, Italiano, Alemão, Latim e Grego, dependendo da formação complementar de cada colega, é dado.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

E o fato, visível em qualquer curso de Colégios públicos estatais ou particulares, universidades e, sobretudo, no *youtube* se vê, sobre o tema do artigo o que segue

1. “A Filosofia é uma ciência”;
2. “Ela surge e é aceita pelos Gregos, que imediatamente começa a pensar de maneira muito semelhante a nossa hoje”;
3. A Filosofia se separou do mito radicalmente e elaborou uma atitude crítica, inquiridora, inconformada com as coisas tal qual elas são”;
4. “O mito é o discurso do senso comum, dos mistérios, da ortodoxia religiosa, enquanto a Ciência é o discurso racional”;

Bom, creio que essas quatro afirmações ventiladas em alguns livros didáticos, apostilas de cursinhos de redes privadas de ensino, de cursinhos vestibulares ou ENEM e sobretudo no *youtube* são suficientes e necessárias para desenvolvermos a temática proposta para esse artigo. Qualquer uma delas é facilmente localizável por qualquer interessado em averiguar.

Pois bem, o grande engodo passado como conteúdo de Filosofia para estudantes de Ensino Médio, cidadãos em geral e em raros casos, porém existentes, para estudantes universitários é que todas as afirmações acima, isto é, de 1-4, são absoluta e escandalosamente falsas. Desmontáveis, como afirmara, por qualquer um que se abale a ler a bibliografia acadêmica a respeito.

Vejamos o item “1”. “A filosofia é uma ciência”. Considerando que não havia Ciência e método científico como hoje os conhecemos antes dos trabalhos do filósofo inglês Francis Bacon, no

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

século XVII d. C. e que a aplicação da linguagem matemática se generalizou nos estudos científicos a partir dos trabalhos do filósofo Galileu Galilei, que incentivou a chamada “matematização” da natureza, de inspiração do filósofo Pitágoras de Samos, num viés dos filósofos Platão de Atenas e Aristóteles de Estagira, fica extremamente difícil conceituar a filosofia como uma “ciência”. Sob o aspecto historiográfico, é claro.

Sob o aspecto epistemológico, a coisa ainda fica mais complexa de ser defendida, na medida em que cada ciência estuda um objeto específico da natureza e a Filosofia, na prática, além de não adotar o método científico, usa a razão sob o aspecto metafísico, bem como, dessa maneira, aplica-se à revisão crítica racionalista de todos os aspectos existenciais do que chamamos de “realidade”.

Sob o aspecto da lógica da investigação científica, epistemologicamente falando, aí sim, em certa medida, poderíamos atribuir-lhe o caráter de “ciência”. Mas na prática, seja no âmbito das Lógicas Maior, Menor, da Crítica ou da Lógica Matemática, o fato que a ciência em questão é a Lógica. Como bem define Jacques Maritain (1986, p. 17):

1. PRIMEIRA NOÇÃO DE LÓGICA – a Lógica estuda a razão como *instrumento da ciência* ou meio de adquirir e possuir a verdade. Pode-se defini-la: a arte QUE DIRIGE O PRÓPRIO ATO DA RAZÃO, isto é que nos permite chegar com ordem e sem erro, ao próprio ato da razão
  - a) Desse modo, a Lógica não procede somente como qualquer ciência, segundo a razão, mas diz respeito ao próprio ato desta razão; daí seu nome de ciência da razão ou do *logos* (λογικη επιστημη).

Ou seja, não se pode chamar a Filosofia de “ciência”, sob o aspecto lógico, pois a lógica, que é a “ciência da razão”, ela é um campo específico do conhecimento humano, comum a todas as

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ciências e à Metafísica, isto é, à Filosofia. No entanto, a Filosofia não é a Lógica. Tanto quanto a Lógica não é as Ciências, mas é repito: “a ciência da razão”. Isto é, ela é a normatização das regras que regulam o modo discursivo racional, criado por Tales de Mileto nos inícios do século VI a. C., mas a Filosofia não é apenas a lógica, como se vê nos dizeres de Maritain (1986), a Lógica auxilia as ciências e, nessa medida, mesmo não sendo uma ciência, a lógica, por tratar da razão e suas regras operacionais, é um requisito essencial da Metafísica.

Portanto, de maneira alguma a Filosofia pode ser apresentada como uma ciência.

Vamos ao item 2: “Ela surge e é aceita pelos Gregos, que imediatamente começa a pensar de maneira muito semelhante a nossa hoje” E a Filosofia se separou do mito radicalmente e elaborou uma atitude crítica, inquiridora, inconformada com as coisas tal qual elas são”;

Pelos vídeos que assisti no *youtube* a respeito da origem da Filosofia não sei dizer se essa forma de apresentar a Filosofia se dá por uma tentativa de simplificação da abordagem, se imaginando que dessa maneira o estudante vai compreender melhor, se é despreparo dos professores ou se é má fé em falar daquilo que de fato não compreende.

A realidade é que praticamente a maioria dá a entender que a partir do momento que a Filosofia é criada, por um passe de mágica ou de óbvia aceitação pública de alguma verdade incondicional, todos os gregos, em detrimento dos bárbaros passaram a raciocinar e agir racionalmente, repudiando os mitos, suas práticas religiosas, culturais e que o assunto das *polies* da África ao Oriente Próximo (Turquia) e desta a Europa só se usava a Filosofia como uma coisa auto evidente.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esse é mais um dos casos elencados acima que bastaria uma abordagem acadêmica simples para notorizar a falsidade de tal crença. Toda a bibliografia especializada, exceto alguns livros didáticos e apostilas de cursinhos dão sobejas demonstrações que isso é falso. Indusive, sob os aspectos técnico, tecnológico, midiático e histórico, tal acontecimento é impossível!

Primeiro devido aos Helênicos dos fins do século VII, inícios do VI a. C. ignorarem a arte da escrita. O alfabeto grego estava em processo de introdução na Hélade, conforme se vê em Havelock (1996), provavelmente em seu processo de gênese, isto é, de apropriação das letras do silabário fenício, a criação dos símbolos que representariam as vogais e as letras especiais do alfabeto helênico. Elas simplesmente eram um laboratório, provavelmente trazidas a Mileto por mercadores ou ainda, se forem verdadeiras as doxografias dos Antigos quanto aos gregos fundadores da Jônia, que migraram para o Oriente Próximo terem se casado com mulheres nativas das localidades em que se fixaram, como no caso da mãe de Tales de Mileto, que era Fenícia, possivelmente esse processo de gênese do alfabeto Grego se deu por essas duas vias. O que, por outro lado, justificaria Tales saber ler e escrever. Possivelmente aprendera em casa, com sua mãe

Uma vez que as etnias helênicas até o século VIII a. C. eram sociedades totalmente orais, isto é, não dispuseram de sistemas de escrita entre os séculos XI-VIII a. C., conforme se verifica em Vernant (2002). Além disso, essa tecnologia da oralidade era socialmente usual por meio do que Marcel Detienne (1988) do modo discursivo mito-poético, cantado e dançado em verso, como se verifica nas clássicas obras desse período do poeta Homero, “A ilíada” (2015a) e “A odisseia” (2015b).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Além disso, como o que era cantado e dançado era popularmente entendido uma mensagem dos deuses para os humanos, que vinha através dos *aedlos* ou pelos *rapsodos*, então conhecidos como “Mestres da Verdade” (*Αλεθεια*), é palavra-eficiente, isto é, um tipo de discurso que é sagrado e a audiência dessa fala é mágica religiosa, exigindo do ouvinte, máxima atenção para entender o dito e gravá-lo, para o reproduzir para aqueles que não estavam no momento da comunicação.

Com esse tipo de prática cultural e social é algo complexo se analisar e refletir sobre algo, pois no momento em que se para se analisar alguma parte da mensagem, você perde a continuidade da fala do poeta e, portanto, dos deuses. Logo, não era nem em sombra comum alguém questionar algo que era passado por esses Mestres da Verdade. Não porque era uma verdade religiosa, ortodoxa, que não admite questionamento, mas simplesmente se você parasse para analisar perderia todo o resto!

Outro aspecto histórico, social e cultural que impede se admitir que após a descoberta da razão tudo mudou como mágica: Tales de Mileto é considerado pela doxografia Antiga como um dos sete sábios da Grécia, isto é, um dos helênicos que devido a sua sabedoria e vivência criaram o estilo de vida grego e tudo o que isso significa, como se verifica em Kirk; Raven & Schofield (1994).

Para que isso se desse, ele viajou muito, nos grandes centros culturais e religiosos de sua época, como o Egito, Ásia Menor, Oriente Próximo. E como diz o ditado popular: “O viajante que fica muito tempo longe de casa se torna estrangeiro em sua própria pátria!”. É apenas com mais idade, e assentado em Mileto efetivamente, com a filha casada com Anaximandro, também da



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*polis* de Mileto, que Tales monta a sua “escola”. Que na verdade nada mais era do que sua própria casa, em que recebia Anaxímenes, seu concidadão, Heráclito de Éfeso, Xenófanes de Cólofon e Parmênides de Eléia, dando, então, início a sua atividade pedagógica e iniciando com base na escrita de seu próprio livro “Sobre a Natureza”, que começou a realizar o revisionismo crítico e racional dos mitos helênicos e bárbaros que tinha acesso, mas em especial, se dedicaram ao poema “A teogonia”, de Hesíodo de Asora (1995).

Ora, como um evento doméstico, portas adentro da casa de Tales, circunscrito, em tese, a três cidadãos de Mileto e três estrangeiros que foram a Mileto aprenderem a sabedoria com Tales, um dos sete sábios da Grécia, sem escrita, papel, rádio, televisão, *internet* se popularizar de maneira instantânea, como a maioria dos livros didáticos, professores e vídeos-aula dão a entender, de maneira a fazer que os gregos comuns, mesmo nobres e ricos, mudassem da noite para o dia e repudiassem os mitos, as crenças das religiões helênicas e suas práticas sociais, religiosas que eram, essencialmente, uma e uma única coisa, a saber: a política?

O que houve, sim, foram mudanças metodológicas que foram aprendidas e apreendidas, criticadas, ampliadas e modificadas pelos alunos de Tales e, depois da morte deste, de Anaximandro, até a destruição de Mileto pelos Persas, que serão fundamentais para a criação do modo discursivo racional, isto é, a razão propriamente dita, porém, sem qualquer recurso que possa remetê-la ao que hoje chamamos de “Lógica” de qualquer tipo. Eles ignoravam isso absolutamente. Talvez nem soubessem o que faziam.

Mas por meio da escrita, em prosa, houve a condição técnica necessária para esse pequeno grupo internacional começar a ler, refletir, criticar e ver os mitos tradicionais e então,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estimulados por nada mais nada menos que um dos sete sábios da Grécia (“o Cara”), isto é, Tales, propunham outras explicações para o cosmos, a *phýsis* (natureza), seu fundamento, *arché* e sobretudo, não temessem criticar o próprio Tales, pois afinal de contas, a crença popular dos helênicos Arcaicos até Aristóteles de Estagira, era que “os homens, nada mais fazem que teer conjecturas sobre o cosmos e a *phýsis*, apenas aos deuses o acesso à Verdade sobre a realidade é possível”, segundo Popper (1990).

Portanto, como **todos** os Historiadores da Filosofia acessíveis a qualquer um que se interesse minimamente pelo assunto ensinam: os gregos comuns, pessoas do povo e aristocratas de qualquer natureza: a) a maioria era analfabeta; b) todos, inclusive os pensadores revisionistas racionalistas críticos (futuros filósofos) cultuavam seus ancestrais no chamado “culto dos mortos ou da *Héstia*”, conforme se vê em Coulanges (1998), tinham o culto cívico de suas *frátrias*, tribos e, finalmente, da *polis*, oravam, sacrificavam aos seus deuses, cumpriam todas as exigências apreçadas pela piedade religiosa cívica e alguns, dos mistérios, fossem Órficos, de Elêusis ou de Dionísio.

E mais do que isso, como afirma Jaeger (1995), sua *Paidéia* (educação) continuou centrada em Homero, Hesíodo, demais poetas e, alguns cidadãos, se dedicavam ao estudo da Filosofia. A ponto de Platão, no *Fédon*” (1996), o diálogo sobre a imortalidade da alma fazer Sócrates forçar Cebes, um de seus alunos pitagóricos, concordar que os filósofos são tão poucos e devido a seu estilo de vida ser como se estivesse se preparando constantemente para a morte, que dado a sua atividade, muitos cidadãos realmente se agradariam que todos morressem mesmo.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Então, dado o exposto, como é possível se defender a ideia que assim que a razão é criada os mitos caem em desgraça e a partir de então todos começaram a exercer a Filosofia contra os ignorantes mitos? Pura balda!

Outro ponto também necessário a ser comentado é a total falta de pudor de autores de livros ou vídeo aulas e de docentes de tratarem uma coisa transtemporal, multicultural e transdisciplinar como a Filosofia, sobretudo quanto a sua História, como se os autores e seus textos, problemas, temas e questões fossem os mesmos de nós, enquanto sociedade globalizada, majoritariamente se dividindo entre judaicos, cristãos e muçulmanos, todos, com suas miríades!

Sem a menor preocupação com a anacronia, abordam autores, textos e problemas sem qualquer preparo prévio de contextualização e de qualquer esforço comparativista. Simplesmente pegam o ponto e lançam como se estivesse conversando sobre o noticiário do dia!

Segundo as modernas Pedagogia, Didática e Psicologia, o papel do professor ou do comunicador acadêmico é mediar os saberes e habilidades técnicas do campo para seus estudantes.

Essa mediação supõe além de formação profissional adequada e licenciada para os meandros da profissão do ensino-aprendizagem, que o professor pesquisa, estude, reflita e de certa forma proceda a um exercício de empatia com seus estudantes, lhes compreendendo os aspectos regionais de sua herança cultural particular e coletiva para com a área e mediatize, isto é, flua o saber estimulando a aprendizagem do estudante conforme suas necessidades individuais e coletivas, a partir dos objetivos educacionais da disciplina, curso, instituição de ensino, nível de escolaridade e sistema educacional em vigor.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Se não sabe, estude. Se não dá, não leciona sem o devido preparo, pois são nossos alunos e concidadãos, os futuros profissionais que atuarão em diversas áreas e carreirão, por toda a vida deles, parte de sua colaboração no todo que aprendera nas instituições de ensino!

Quanto ao item 4: "O mito é o discurso do senso comum, dos mistérios, da ortodoxia religiosa, enquanto a Ciência é o discurso racional".

Ora, afirmar tal coisa é de extrema superficialidade teórica e historiográfica quanto à questão das relações entre mito e razão!

Mais parece uma afirmação cientificista do final do século XIX d. C., em que se quer cada vez mais o progresso da Ciência enquanto nova religião a ser adotada por todos, no âmbito do Positivismo Clássico do que algo a ser levado a sério.

Ainda é um fruto superficial da antiga disputa medieval de se por a Filosofia (Ciência) como serva da Fé, no caso, historicamente falando esse é um movimento quase exclusivo dos centros de produção filosófica judaicos pós alexandrinos, cristão Católicos Apostólicos Romanos desde a Patrística, a partir do século IV d. C. e intensificado entre os séculos IX-XIV d. C. em combate ao Islã; e, finalmente, do período inquisitorial ante protestantismo, já no período Moderno, em que a Ciência propriamente dita, vai aos poucos se desligando metodologicamente da Filosofia e da Religião, embora a maior parte de seus paradigmas sejam naturalmente judaico-cristão-muçulmanos!

Afirmo tal coisa pelas seguintes razões. Segundo Isidro Pereira (1990, p. 350 e 380) se lê:

Μυθος, ου, s. m. – palavra, discurso – ação de recitar, de dizer um discurso – rumor – anúncio, mensagem, ordem, prescrição – resolução, projeto – lenda, conto fabuloso, mito – fábula, apólogo.



ΙΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Λογος, ου, s. m. (λεγω) – palavra – dito – revelação divina, resposta dum oráculo – máxima, sentença – exemplo – decisão, resolução – condição – promessas – pretexto – argumento – ordem – menção – notícia que corre – conversaço – relato – matéria de estudo ou de conversaço – razão, inteligência – senso comum – a razão de uma coisa – motivo – juízo, opinião – estima – valor que se dá a uma coisa – justificação – exemplificação – a razão divina – N. T. O Verbo de Deus.

Chamo a atenção do leitor para retornar às definições acima e analisá-las com mais calma e de maneira comparativa. O que se percebe?

Que esse vincule entre mito, senso comum e superstições religiosas, fantasias etc, não se pode ser apenas atribuído ao mito, mas também à razão, na medida em que uma e outra palavra, para os Gregos Antigos eram sinônimas!

Além disso, em nenhuma das definições mapeadas em suas, se observa o termo grego *epistème*, que designaria algo parecido com o que se entende hoje por “ciência”.

Mas sejamos rigorosos e tentemos identificar a origem dessa vinculação tão ventilada em livros didáticos, nos trabalhos docentes de professores de Filosofia e de outras áreas e nas vídeo aulas do *youtube* Vejamos em Latim, o significado da palavra “razão”.

Segundo Faria (1967, p.842):

Ratio, onis, subs. F. I – Sent. Próprio: 1) Cálculo, conta, objeto de cálculo, livro de contas, registro (Cés. B. Gal. 7, 71, 4); (Cíc. Verr. 5, 71); (Cíc. Verr. 5, 147). II – Sent. Figurado: 2) Cálculo, consideração, interesse, empenho, causa, partido (Cíc. Verr. 5, 38). Daí: 3) Faculdade de calcular, razão, inteligência, juízo, bom senso (Cíc. Fin. 1, 32). 4) Método, plano, disposição, sistema, regra, ordem, doutrina, opinião, pensamento, ponto de vista (Cíc. Nat. 2, 22) (...)

Ora, se observe que apenas num terceiro nível de acepção a palavra *ratio* em Latim se pode entender, dentre outros significados, algo que se assemelha às definições de mito e razão em Grego. Isso se dá obviamente, devido a Filosofia e o modo discursivo racional ter sido absorvido



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da cultura Romana e não existir entre os latinos algo como a filosofia grega, nem tampouco as suas preocupações com os cosmos e a natureza.

Sem que o professor de Filosofia compreenda claramente a origem da Filosofia e sua profunda relação com o mito, tenderá a perpetuar junto a seus estudantes, de qualquer nível de escolarização, um erro historiográfico que dificulta a capacidade de entendimento e de desenvolvimento das habilidades filosóficas nos cidadãos.

Essencialmente o que está em jogo na relação entre mito e razão é a mudança de tecnologia de comunicação, isto é, a criação da escrita e sua introdução, que proporcionou a alguns homens (Escola de Mileto) redigirem, analisarem, criticarem e tentarem rever, aperfeiçoando por escrito e sob as regras da prosa discursiva racional, os velhos mitos, seus conteúdos.

O processo de revisão racionalista crítico é que proporcionou aos primeiros pensadores filosóficos a indicação de inconsistências nos poemas teogônicos e cosmogônicos, os desafiando a investigar metafisicamente possíveis explicações que melhorassem, explicando, os fenômenos aos quais os mitos se dirigiam.

Essas ações filosóficas, contudo, não foram o fim do mito. Ao contrário, ele continuou a ser ensinado e representado pelos Mestres da Verdade ao povo, nos festivais públicos das cidades, pelos pais de família em seu culto religioso doméstico e nos cultos dos mistérios como um todo.

Toda a vez que Platão não dava conta de explicar racional e dialogicamente algo, ele recorria ao mito para suprir a necessidade explicativa. Recaída de Platão? Não! Apenas reconhecimento de certos limites que a razão, enquanto modo discursivo, apresentou naquela

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

época, enquanto ferramenta de comunicação de saberes, e que tinha que ser superado com novos instrumentos teóricos.

### Considerações finais

Para levarmos esse texto à sua finalização, se afirma que nunca houve entre os Gregos e sem ser muito temerário, até meados do século XVI d. C., nenhum filósofo que fosse declaradamente ateu. No sentido forte e amplo do termos, indistintamente às crenças em questão.

Mesmo Xenófanes de Cólfon, aluno de Tales e de Anaximandro de Mileto, que quase todas as Histórias da Filosofia apontam como um filósofo ateu, por criticar o antropomorfismo da religião helênica e o próprio sistema de determinação da realidade humana. Mesmo ele, não estava fora das forças contextuais de sua época, isto é, cumpria seus deveres religiosos regular e publicamente.

E não poderia ser diferente, uma vez que ele próprio era um *rapsoda*, ou seja, um poeta inspirado, que viajava de cidade em cidade, cantando e dançando os mitos de Homero, de Hesíodo, de outros poetas e de poemas de sua própria autoria, literalmente sobrevivendo das relações sociais inerentes ao exercício das funções do Mestre da Verdade.

Se ele fosse ateu, na época, ímpio, por não louvar e honrar os deuses, além de ter sido condenado à morte em sua cidade e expulso das que visitasse, não ganharia nada em seus exercício profissional, pois ninguém o ouviria, por não ser um porta voz direto das Musas ...

Portanto, é de conhecimento historiográfico, mas erroneamente ensinado por muitos filósofos que ignoram as origens do pensamento Grego que o mito e a razão são coisas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

radicalmente distintas e é nessa distinção que se baseia a origem da Ciência tal qual a conhecemos hoje. Nada mais falso do que isso! Convido os(as) leitores(as) a lerem o livro “Teogonia”, de Hesíodo de Asra e refletir sobre as palavras desse artigo.

Aí se observará de maneira clara o “primeiro livro de Física” da sociedade Ocidental. Compreender as relações entre mito e razão e desses com a Ciência Contemporânea é fundamental para que se desenvolva uma nova percepção filosófica a respeito de nossa realidade e valores a ela atribuídos como necessários e universais. Bem como para que se combatam pré-conceitos e erros historiográficos, em especial no tocante à leitura e interpretação de textos da Antiguidade, indiferentemente à origem cultural desse texto, sem os devidos cuidados metodológicos.

## Referências

- CHAUÍ, Marilena . **Iniciação à Filosofia** . São Paulo: Ática, 2011.
- CHAUÍ, Marilena & OLIVEIRA, Pésio Santos de . **Filosofia e Sociologia** . São Paulo: Ática, 2007.
- CHAUÍ, Marilena . **Filosofia** . São Paulo: Ática, 2003.
- COULANGES, Fustel de . **A cidade Antiga** . São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DETIENNE, Marcel . **Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica** . Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- FARIA, Ernesto . **Dicionário escolar Latim-Português** . Guanabara: Ministério da Educação, 1967.
- HAVELOC, Erick A. . **A revolução da escrita na Grécia: e suas consequências culturais** . Rio de Janeiro e São Paulo: UNESP e Paz e Terra, 1996.
- HESÍODO (de Asra) . **Teogonia** . São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO . **A ilíada** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015a.
- \_\_\_\_\_ . **A odisséia** . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015b.
- ISIDRO PEREIRA, S. J. . **Dicionário Grego-Português e Português-Grego** . Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.
- JAEGER, Werner . **Paideia: a formação do homem Grego** . São Paulo: Martins Fontes, 1995.





**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. & SCHOFIELD, M. . **Os filósofos pré-socráticos** . Lisboa: Fundação Caloste Gulbenkian, 1994.

MARITAIN, Jacques . **A ordem dos conceitos: Lógica Menor** . Rio de Janeiro: Agir, 1986.

MENDES, Ademir Aparecido Pinheli; BORGES, Anderson de Paula; KESTRING, Bernardo *ET alii* . **Filosofia: Ensino Médio** . Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2006.

PLATÃO . **Fédon** . São Paulo: Abril Cultural, 1996.

POPPER, Karl Raymund . **The world of Parmenides: essays on the presocratic enlightenment** . Abingdon: Routledge, 1990.

VERNANT, Jean-Pièrre . **As origens do pensamento Grego** . Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.